

## O uso de esquemas de construção de palavras por aprendentes chineses de PLN

Rui PEREIRA

Faculdade de Letras / Celga-Iltec, Universidade de Coimbra

[rui.pereira@uc.pt](mailto:rui.pereira@uc.pt)

### Resumo

Neste artigo analisa-se o uso de palavras morfológicamente construídas por parte de aprendentes de português que têm o mandarim ou o cantonês como língua materna. O estudo desenrola-se em dois eixos: (i) a inventariação dos esquemas morfológicos usados e (ii) a análise dos desvios apurados no domínio da formação de palavras. O primeiro eixo da investigação dar-nos-á uma ideia do *intake* da aprendizagem da língua-alvo (LA), ou seja, da informação que os aprendentes retêm do *input* e usam nas suas produções escritas (Corder 1967). O segundo eixo permitirá observar as estratégias usadas por estes aprendentes para preencher as lacunas do seu léxico quando escrevem em português e, em particular, a emergência da competência derivacional dos aprendentes nesta língua, entendida como a capacidade que cada um deles tem de, num determinado momento, relacionar e/ou construir palavras derivadas ou compostas.

*Palavras-chave: português; morfologia; formação de palavras; afixos; aquisição de L2*

### Abstract

This paper analyzes the use of morphologically constructed words by learners of Portuguese who have Mandarin or Cantonese as their first language. The study is twofold: (i) the inventory of the morphological schemas used and (ii) the analysis of the deviations found in word formation. The first axis of the research will give us an idea of the *intake* of learning of the target language, that is, the information

that learners retain from the *input* and use in their written productions (Corder, 1967). The second axis will allow us to observe the strategies used by these learners to fill gaps in their lexicon when writing in Portuguese and, in particular, the emergence of the learners' derivational competence in this language, understood as the ability that each of them has, at a given moment, to relate and/or construct derived or compound words.

*Keywords: Portuguese; morphology; word formation; affixes; L2 acquisition*

## 1. Introdução

O presente estudo pretende investigar os padrões de construção lexical usados pelos aprendentes de Português como Língua Não Materna (PLNM) que têm o mandarim ou o cantonês – línguas doravante designadas em conjunto como chinês – como língua materna (LM) a partir das representações das unidades lexicais morfológicamente construídas. Com base em produções escritas autênticas de estudantes chineses adultos em contexto de imersão, procuraremos descrever os constructos morfolexicais efetivamente usados pelos aprendentes chineses e analisar as estratégias a que eles recorrem para suprir as lacunas do léxico quando escrevem em português.

No âmbito dos estudos sobre a aquisição/aprendizagem de PLNM, poucos são os estudos com enfoque na morfologia derivacional e ainda mais reduzido o número daqueles que analisam as produções de alunos chineses (Jesus 2010; Leiria 2006; Nunes 2012; Pereira 2022). Entre estes, destacamos particularmente o estudo de Leiria (2006), no qual se conclui o seguinte: (i) está afastada a possibilidade de o informante chinês recorrer à sua LM e dela transferir material morfolexical – ocasionalmente o aprendente recorre ao inglês (e.g. *example, portuguese, problem*); (ii) para suprir o vocabulário indisponível, os aprendentes chineses recorrem a várias estratégias, nomeadamente ao uso de “empréstimos”, de “neologismos a partir de empréstimos”, “neologismos formais” e de “combinatórias aproximadas”; (iii) há evidências de que, após algum tempo de exposição ao português, certos processos relativos à formação de palavras começam a ser adquiridos, nomeadamente a capacidade de gerar verbos da primeira conjugação (*maiorar* por <umentar>).

Ao analisar a produção lexical dos aprendentes de uma língua não materna (LNM), o investigador confronta-se com um conjunto muito diverso de constructos nem sempre coincidentes com os itens da língua-alvo (LA), nem sempre fáceis de classificar e nem

sempre gerados sob influência de uma língua-fonte (LF)<sup>1</sup>. Entre as tipologias de classificação desses constructos mais conhecidas conta-se a de Haugen (1950), que, na caracterização das situações de contacto linguístico, distingue três tipos de “empréstimo” (*loan*): (1) *loanwords* (estrangeirismos), sem substituição morfé mica; (2) *loanblends* (construções híbridas), com substituição morfé mica parcial; e (3) *loanshifts* (tradução de empréstimos ou empréstimos semânticos), com substituição morfé mica completa. A estas três classes de empréstimos, Haugen (1950: 220) acrescenta ainda uma quarta categoria, a que dá o nome de *creations* (criações), para designar uma série de palavras que não surgem como imitações diretas de um modelo da língua-fonte, mas são criadas exclusivamente dentro da língua-alvo.<sup>2</sup> Estas categorias configuram diferentes estratégias usadas para suprir as falhas no conhecimento lexical da LA. Através de mecanismos de imitação e/ou de adaptação, o aprendente pode transferir para o português não apenas unidades lexicais que mantêm a forma fonológica característica da LF (os empréstimos), mas também esquemas de construção de palavras que sofrem processos de acomodação, em graus variáveis, à fonologia e morfologia da LA. Paralelamente, pode construir palavras não dicionarizadas com base, exclusivamente, em esquemas de construção e em material morfolexical da LA.

A análise da competência derivacional dos aprendentes não nativos surge geralmente integrada e diluída em estudos que abordam o fenómeno da transferência ou influência translinguística. Embora o conceito de *transferência* continue a ser alvo de intenso debate entre os investigadores (e.g. Alonso Rei 2015; Grosjean 2011; Jarvis 2000, 2009; Odlin 2003; van Coetsem 1988, 2000; Winford 2005), neste trabalho tomar-se-á este termo na aceção que lhe dão Gass e Selinker (1993: 234): «language transfer is the use of native language (or other language) knowledge – in some as yet unclear way – in the acquisition of a second (or additional) language». Como esta definição deixa entrever, é possível encontrar nas construções dos aprendentes de uma determinada língua-alvo exemplos de transferência não apenas da sua LM, mas também de outra(s) língua(s) por eles adquirida(s) antes da LA.

---

<sup>1</sup> Usaremos neste estudo o termo “língua-fonte” (LF) para designar o idioma de origem do material linguístico alogénico usado pelo aprendente, que tanto pode ser a sua língua materna (LM ou L1) como uma segunda língua (L2) previamente adquirida.

<sup>2</sup> No âmbito da aquisição do PLNM, Leiria (2006) propõe, como vimos, uma tipologia ligeiramente diferente, baseada em quatro categorias: (i) empréstimos; (ii) neologismos a partir de empréstimos; (iii) neologismos formais; (iv) combinatórias aproximadas.

O presente trabalho, que se ancora nos princípios postulados pela Morfologia Construcional (Booij 2010, 2016) e pela Morfologia Relacional (Jackendoff & Audring 2016, 2019), encontra-se estruturado da seguinte forma: na primeira parte, apresentam-se sumariamente os processos de construção de palavras em português (secção 2); segue-se uma breve análise da estrutura interna das palavras em chinês, a língua materna dos aprendentes selecionados (secção 3), e do processo de aquisição do conhecimento morfológico (secção 4); na segunda parte (secção 5), apresentam-se os dados da pesquisa efetuada e discutem-se os resultados obtidos.

## 2. Processos de construção de palavras em português

No cerne deste trabalho estão os conceitos de *competência derivacional* e de *palavra morfológicamente construída*. A *competência derivacional* consiste no conjunto de conhecimentos que o falante/aprendente adquire e que lhe permite analisar, relacionar e/ou construir unidades lexicais com graus de complexidade morfológica variável. Por via desse conhecimento, é capaz de processar *palavras morfológicamente construídas*, designação que abrange (i) as *palavras derivadas*, isto é, palavras em cuja estrutura interna figura uma base lexical, que pode ser seguida, precedida ou rodeada por um afixo derivacional (cf. 1)<sup>3</sup>, ou que vê a sua classe léxico-sintática ser alterada por um processo de derivação não-afixal (também designado como conversão) (cf. 2), e (ii) as *palavras compostas*, ou seja, palavras construídas a partir de duas ou mais bases lexicais (cf. 3).

- (1) a. *infeliz* [in + feliz]<sub>ADJ</sub>  
b. *estudante* [estuda + nte]<sub>N</sub>  
c. *envelhecer* [en + velh + ecer]<sub>V</sub>
- (2) a. (o) *corte* <sub>N</sub>, (a) *venda* <sub>N</sub> ↔ cortar <sub>V</sub>, vender <sub>V</sub>  
b. *azedar* <sub>V</sub>, *vacinar* <sub>V</sub> ↔ azedo <sub>ADJ</sub>, vacina <sub>N</sub>
- (3) a. *biblioteca* [biblio + teca]<sub>N</sub>  
b. *guarda-chuva* [guarda + chuva]<sub>N</sub>

---

<sup>3</sup> Usa-se a seguinte notação: ADJ = adjetivo; N = nome; V = verbo.

Existe ainda um conjunto de mecanismos de alteração formal (fonológica, prosódica ou gráfica) das unidades lexicais, podendo envolver o cruzamento vocabular (*portunhol* < *português* + *espanhol*), a truncação (*prof* < *professor*), a reduplicação (*bombom*) e a siglação/acronímia (*PSP*, *IVA*).<sup>4</sup>

Importa notar que, na formação de palavras, estão em causa não só aspetos de natureza sintagmática, atinentes à organização linear dos constituintes morfolexicais (bases e afixos), mas também informações de natureza paradigmática, tendo em conta as relações formais e semântico-categoriais que se estabelecem entre as unidades lexicais, e de natureza convencional ou idiomática, isto é, especificidades de cada língua. Por exemplo, em português, a construção de nomes denominais locativos, isto é, nomes que denotam lugares ou espaços onde se encontram determinados seres ou objetos, pode envolver diversos sufixos, nomeadamente *-ad(o)* (*ducado*, *consulado*), *-al* (*batatal*, *olival*), *-ari(a)* (*frutaria*, *livraria*), *-ári(o)* (*aviário*, *infantário*), *-ed(o)* (*arvoredado*, *vinhedo*), *-eir(o/a)* (*palheiro*, *pedreira*), *-i(a)* (*capitania*, *reitoria*), *-il* (*canil*, *gatil*) (Rio-Torto 2016: 157-158). O facto de um determinado semantismo estar associado a múltiplos esquemas afixais é algo que complexifica e dificulta a tarefa de construção lexical, mormente quando realizada por aprendentes de PLN. De facto, embora vários produtos derivacionais sejam estruturalmente possíveis e passíveis de ser construídos, apenas alguns (às vezes apenas um) estão fixados e institucionalizados na língua, sendo esse(s) que os membros da comunidade linguística esperam ver produzidos numa situação concreta. Por exemplo, na designação de um ‘lugar onde podemos ler, consultar e/ou requisitar livros, sem intenção de os comprar’, espera-se que o falante/aprendente use o nome *biblioteca*; qualquer outro produto derivacional (por hipótese, *livraria*) causará estranheza entre os nativos da língua-alvo, porque inesperado e/ou pragmaticamente inadequado (cf. *Ando a ler um livro de Saramago. Requisitei-o na livraria (?) da faculdade*).

### 3. Morfologia do chinês

Assume-se geralmente que as palavras da LA são inicialmente associadas, por tradução, às palavras da LM do aprendente e só mais tarde se estabelecem os pareamentos entre forma e função (Jiang 2002; Hall 2002). As características das palavras do chinês

---

<sup>4</sup> Para uma análise mais detalhada destes mecanismos, veja-se Rodrigues (2016) e Pereira (2016).

levantam, no entanto, algumas dificuldades à análise morfológica nos moldes em que esta é feita nas línguas ocidentais. Em primeiro lugar, muitas palavras chinesas têm uma forma longa (dissilábica) e uma forma curta (monossilábica) sem que reflitam necessariamente padrões morfológicos regulares (Duanmu 2002). Em segundo lugar, a organização em caracteres ortográficos, correspondentes geralmente a uma única sílaba, faz com que, em chinês, a noção de ‘palavra’ seja muito difícil de definir e que a distinção entre bases lexicais e afixos nem sempre seja clara e/ou fácil de estabelecer. Não obstante, não há evidências de que o chinês seja fundamentalmente diferente do português ou de outras línguas ocidentais no que à morfologia diz respeito (Packard 2000; Duanmu 2002).

A estrutura das palavras chinesas, originariamente monossilábica, foi-se tornando polissilábica com o passar do tempo e várias unidades afixais ganharam produtividade, sobretudo alguns afixos com função derivacional. Segundo alguns investigadores (Arcodia 2011, 2012; Packard 2000; Duanmu 2002; Tiee 1979; Xinjuan 2007), existem em chinês vários esquemas construcionais que se enquadram no que em morfologia se concebe como derivação. São exemplo disso formações como X-学 / X-*xué* “o estudo de X” (e.g. 心理学 *xīnlǐxué* ‘psicologia’) ou X-性 / X-*xìng* “a propriedade de (ser) X” (e.g. 重要性 *zhòngyàoxìng* ‘importância’).

Ao chinês também não é estranha a construção de palavras seja por composição – esta língua apresenta, tal como o português, compostos de estrutura [N+N]<sub>N</sub> (e.g. 鸡毛 *jīmáo* ‘pena de frango; 斑马 *bānmǎ* ‘zebra’) e [V+N]<sub>N</sub> (e.g. 领事 *lǐngshì* ‘cônsul) (cf. Basciano, Kula & Melloni 2011) – seja através de processos não concatenativos, nomeadamente a construção de palavras por abreviação de construções complexas. Como se pode verificar nos casos que se seguem (cf. 4), a nova palavra resulta da junção do primeiro carácter de cada uma das palavras que lhe servem de base, sendo uma forma particular de cruzamento vocabular.

(4) a. 科研 *kēyán* ‘pesquisa científica’

< 科学 *kēxué* ‘científica’ + 研究 *yánjiū* ‘pesquisa’

b. 北大 *Běidà* ‘Universidade de Pequim’

< 北京 *Běijīng* ‘Pequim’ + 大学 *dàxué* ‘universidade’

Se existe alguma coincidência no tipo de processos de construção de palavras ativados em chinês e em português, é evidente a divergência entre as duas línguas no que

à forma fonológica (e escrita) das unidades morfolexicais diz respeito. Ora, a coincidência formal entre unidades linguísticas das línguas em contacto tem sido apontada como um fator determinante, porque facilitador, para o reconhecimento e a aprendizagem das palavras em LNM (Ringbom 2007). Todavia, quando é exposto ao português, o aprendente chinês rapidamente percebe que poucas palavras da LA apresentam coincidências ou parecenças formais com a sua LM. Em contrapartida, o aprendente pode encontrar similaridades com unidades de outra LNM (e.g. *surf*, *internet*), potenciando que a aquisição e processamento lexical se possa dar através da mediação do conhecimento de outra língua (por exemplo, o inglês) adquirida antes da língua-alvo.

#### 4. Aquisição do conhecimento morfológico

Tanto na Morfologia Construcional (Booij 2010, 2016) como na Morfologia Relacional (Jackendoff & Audring 2016, 2019), as palavras morfológicamente construídas são vistas como instanciações de esquemas mentais de construção. Em (5), representa-se o esquema de construção de nomes de lugar (ou locativos) terminados em *-aria* (e.g. *livraria*, *sapataria*, *pastelaria*), segundo o modelo proposto em Booij (2016: 425).

$$(5) \langle [x]_{Ni} \text{ aria} \rangle_{Nj} \leftrightarrow [\text{lugar relacionado com SEM}_i]_j \rangle$$

Estes esquemas construcionais têm duas importantes funções: (i) uma função relacional, uma vez que capturam generalizações entre as palavras existentes, e (ii) uma função gerativa, pois podem ser usados na construção de novas palavras. Ou seja, o conhecimento dos esquemas construcionais permite que um falante/aprendente, uma vez exposto a palavras com uma determinada estrutura morfolexical, infira a forma de outros possíveis membros desse paradigma derivacional, ainda que não façam parte do *input*.

Note-se, porém, que o facto de o aprendente usar uma palavra complexa não significa necessariamente que ele tenha consciência da sua morfologia interna. No domínio da formação de palavras é mais ou menos consensual a ideia de que muitas palavras complexas podem ser mentalmente armazenadas e ativadas de forma holística. Assume-se geralmente que quanto maior for a frequência dessas palavras (a frequência de *token* e, sobretudo, a frequência de tipo), maior será a probabilidade de serem memorizadas pelo falante, embora vários outros fatores sejam relevantes para este processo, nomeadamente a transparência fonológica e semântica, a relevância pragmática e a

experiência do falante face ao esquema construcional que lhe está subjacente (Bell & Schäfer 2016; Booij 2016; Bybee 2008; Jackendoff & Audring 2019).

Embora a aquisição da LM e de uma LNM sejam distintas em vários aspetos (idade de aquisição, *input*, conhecimentos prévios, etc.), assume-se que o processo de aquisição da competência morfológica passa sensivelmente pelas mesmas fases em ambos os contextos (Hudson 2008; Lowie 1998; Robinson & Ellis 2008). Primeiro, os aprendentes adquirem um pequeno conjunto de palavras que instanciam um determinado esquema de formação de palavras (e.g. *livraria*, *sapataria*, *peixaria*). Após uma exposição suficiente a esse *input* (fase 1), o falante passa a ser capaz de reconhecer um esquema como o representado em (5), que sintetiza o conhecimento inferido a partir desse conjunto de palavras complexas (fase 2). Ou seja, o falante, gradualmente, vai-se dando conta da relação formal e semântica existente entre alguns nomes de seres e objetos (*livro*, *sapato*, *peixe*) e os correspondentes nomes locativos terminados em *-aria*.

Uma vez adquirido este conhecimento de natureza relacional, ele passa a ser capaz de cunhar por si próprio novas palavras, isto é, palavras derivadas que não faziam parte do *input* (e.g. *sushiaria*, *bifanaria*). No entanto, nesta fase, a cunhagem de novas palavras pode ainda não se ancorar no conhecimento de exceções e convenções idiomáticas. Isso levá-lo-á, por vezes, a sobregeneralizar a aplicabilidade dos esquemas construcionais e a gerar palavras com uma forma diferente da que está institucionalizada na língua portuguesa. O conhecimento de *peixaria* ('lugar onde se compra/vende peixe') poderá motivar, por exemplo, a produção de *carnaria*, em vez de *talho*, para designar o 'lugar onde se compra/vende carne'. Este é o tipo de situação que caracteriza as *interlínguas* (Selinker 1972) de muitos aprendentes de PLNM. Numa fase posterior, ele aprenderá exceções e restrições inerentes ao uso dos esquemas de construção. Por via disso, as construções lexicais que não apresentam a estrutura esperada pela comunidade linguística vão desaparecendo gradualmente, sendo substituídas pelas correspondentes palavras institucionalizadas na língua-alvo. Este grau de conhecimento parece ser, porém, muito difícil de ser atingido plenamente pelos aprendentes de LNM.

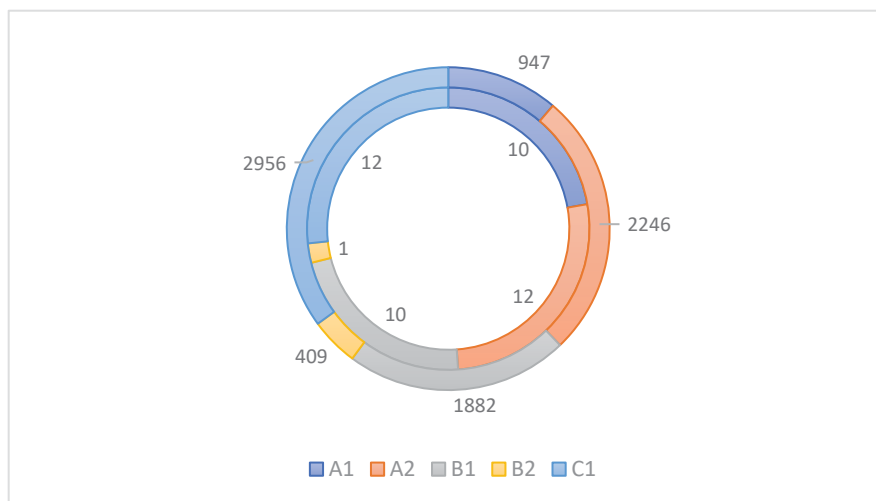
## 5. Pesquisa

### 5.1. Recolha de dados

Os dados utilizados neste estudo foram extraídos do “Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2/CELGA)” (Martins et al. 2019). Dos 629 textos que

integram esta base de dados, seleccionaram-se apenas os produzidos por aprendentes que têm o mandarim (76%) ou o cantonês (24%) como LM<sup>5</sup>, agrupados e codificados sob a designação genérica de “chinês”. Deste modo, a base empírica para o presente estudo é constituída por 45 textos (8440 palavras) produzidos por 38 informantes adultos que frequentavam, aquando da recolha de dados (entre 2009 e 2011), os diferentes níveis de aprendizagem formal (A1 a C1) oferecidos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), no âmbito dos Cursos de Português para Estrangeiros. O Gráfico 1 apresenta os valores da amostra recolhida e a sua distribuição por níveis do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECRL) (Conselho da Europa 2001).

Gráfico 1 - Relação entre a distribuição do número de textos da amostra (anel interior) e do número de palavras (anel exterior) em função do nível QECRL do informante.



## 5.2. Resultados

Nos textos seleccionados, procurámos, em primeiro lugar, quantificar o uso de palavras morfológicamente construídas (PMC) (cf. Quadro 1).

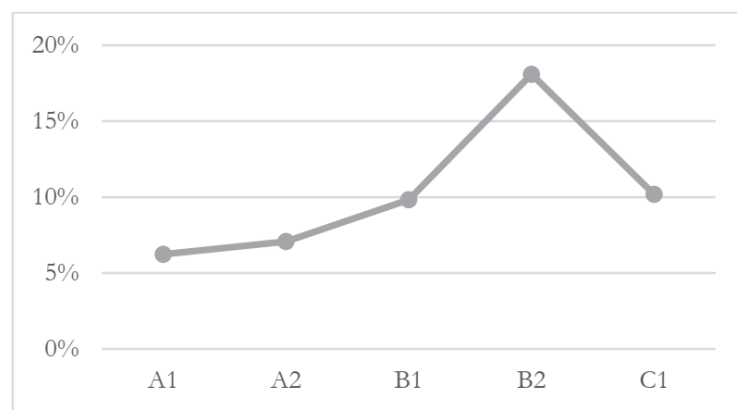
<sup>5</sup> A maioria dos aprendentes chineses conhece, para além da LM (mandarim ou cantonês), uma ou mais L2, nomeadamente o inglês (36), francês (5), japonês (3) e espanhol (1).

Quadro 1 - Número total de palavras morfológicamente construídas por nível de proficiência<sup>6</sup>

Nível	PMC
A1	59
A2	159
B1	185
B2	74
C1	301

Importa referir que os valores apresentados para o nível B2 são condicionados pelo facto de corresponderem a produções de um único informante. Todavia, se analisarmos os dados tendo em conta a relação entre o número de PMCs e o número total de palavras produzidas, o nível B2 destaca-se positivamente (cf. Gráfico 2), constituindo as palavras complexas 18% das palavras produzidas. Nos restantes níveis, o uso de PMCs varia entre os 6 % (nível A1) e os 10% (níveis B1 e C1).

Gráfico 2 - Percentagem de ocorrências de palavras morfológicamente construídas por nível do QECRL dos participantes



As PMCs atestadas resultam da ativação de diversos processos de construção de palavras, nomeadamente a composição (e.g. *biblioteca, casa de banho*), a afixação (e.g.

<sup>6</sup> A quantificação apresentada tem por base o número de *tokens*, ocorrências no texto, incluindo as repetições de um mesmo item.

*antigamente, estudante*) e a conversão/derivação não-afixal (e.g. *o abraço, o desfile, a escolha, melhorar*). No Quadro 2 indica-se o número total de lexemas<sup>7</sup> que resultam de cada um destes três padrões de formação de palavras.

Quadro 2 - Número total de lexemas formados por composição, afixação e conversão por nível de proficiência

<b>Nível</b>	<b>Composição</b>	<b>Afixação</b>	<b>Conversão</b>
<b>A1</b>	6	16	1
<b>A2</b>	10	61	9
<b>B1</b>	15	83	15
<b>B2</b>	2	63	7
<b>C1</b>	14	186	20

Em relação aos lexemas em cuja construção está envolvido algum afixo, apresenta-se, de seguida, a sua distribuição em função do processo afixal instanciado.

Quadro 3 - Número de lexemas construídos por prefixação, sufixação e circunfixação por nível de proficiência

<b>Nível</b>	<b>Prefixação</b>	<b>Sufixação</b>	<b>Circunfixação</b>
<b>A1</b>	2	16	--
<b>A2</b>	8	53	--
<b>B1</b>	15	68	--
<b>B2</b>	12	52	--
<b>C1</b>	37	154	2

<sup>7</sup> O termo *lexema* designa a palavra considerada como unidade abstrata do léxico, atualizável por meio de diversas *palavras morfossintáticas* (Mota 2020).

Segue-se a distribuição dos constituintes afixais por nível de proficiência.

Quadro 4 - Número de ocorrências dos prefixos por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
<b>Prefixos</b>					
<i>a-</i>	1		2		6
<i>auto-</i>			1	1	1
<i>co-/com-</i>	1	1	3	3	2
<i>de-</i>					2
<i>des-</i>		2	3	2	6
<i>dis-</i>				2	
<i>en-</i>			1		1
<i>entre-</i>				1	
<i>e-/ex-</i>			1	1	1
<i>in-</i> (negativo)		2			10
<i>in-</i> (ilativo)			1		
<i>mal-</i>					1
<i>pro-</i>				1	
<i>quilo-</i>					1
<i>re-</i>		3	1		5
<i>sobre-</i>			1		
<i>super-</i>			1	1	
<i>trans-</i>					1
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>12</b>	<b>37</b>

Quadro 5 - Número de ocorrências dos sufixos<sup>8</sup> nominalizadores por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
<b>Sufixos deverbais</b>					
<i>-ção</i>	1	6	7	8	12
<i>-(s)ão</i>			2		5
<i>-da</i>	1	1			2
<i>-dor</i>	3		3	1	3
<i>-mento</i>	1		5	3	6
<i>-nça</i>			2		
<i>-ncia</i>		2	3		1
<i>-nte</i>	2	5	6	9	15
<i>-or</i>		1		1	
<i>-tório</i>			1		
<i>-ura</i>			2		1
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>15</b>	<b>31</b>	<b>22</b>	<b>45</b>
<b>Sufixos deadjetivais</b>					
<i>-ez</i>					1
<i>-eza</i>					2
<i>-ia</i>					2
<i>-ície</i>					1
<i>-idade</i>	1	3	6	7	10
<i>-ura</i>		1	2		3
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>19</b>
<b>Sufixos denominais</b>					
<i>-ada</i>					2
<i>-ado</i>					1
<i>-ão</i>		1			
<i>-aria</i>		1			1
<i>-ário</i>		2	1		
<i>-ato</i>					1
<i>-eira</i>		1			
<i>-eiro</i>	1				
<i>-ia</i>		1			2
<i>-io</i>			1		1
<i>-ista</i>		1			
<i>-tório</i>					1
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>7</b>	<b>2</b>		<b>9</b>

<sup>8</sup> Por uma questão de simplicidade, optámos por representar os sufixos com as vogais de tema associadas.

Quadro 6 - Número de ocorrências dos sufixos adjetivalizadores por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
<b>Sufixos deverbais</b>					
<i>-(t)iv(o, a)</i>		2		3	2
<i>-vel</i>		2	1	2	5
<b>TOTAL</b>		<b>4</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>7</b>
<b>Sufixos denominais</b>					
<i>-al</i>		4	5	5	15
<i>-an(o, a)</i>				2	1
<i>-ar</i>			1		3
<i>-ári(o, a)</i>			1		3
<i>-eir(o, a)</i>			1		3
<i>-ês/-esa</i>	2	3	2		3
<i>-eu</i>			1		
<i>-ic(o, a)</i>	1	2	1	3	8
<i>-il</i>					1
<i>-in(o, a)</i>			2		1
<i>-os(o, a)</i>		6	3	1	3
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>11</b>	<b>41</b>

Quadro 7 - Número de ocorrências dos sufixos verbalizadores por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
<b>Sufixos denominais/deadjetivais</b>					
<i>-ífic(ar)</i>		1			1
<i>-e(ar)</i>		1	1		2
<i>-it(ar)</i>			1	2	3
<i>-iz(ar)</i>				2	2
<b>TOTAL</b>		<b>2</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>8</b>

Quadro 8 - Número de ocorrências do sufixo adverbializador *-mente* por nível de proficiência

Nível	A1	A2	B1	B2	C1
Sufixo de adjectival					
<i>-mente</i>	1	10	8	1	16

Para além de palavras com os constituintes sufixais acima referidos, encontram-se atestados diminutivos em *-inho* (A1: *beijinho, lojinha*; B2: *coisinhas*; C1: *Aninha, beijinho, passarinhos, camioneta*), um aumentativo (C1: *fotão*) e dois superlativos (C1: *lindíssimos, muitíssimo*). De referir ainda o uso, no nível C1, de um esquema de circunfixação (*a...ecer*) na construção de dois verbos (*adormecer, amanhecer*).

### 5.3. Desvios

Para a consecução do segundo objetivo deste trabalho – a análise da competência derivacional dos aprendentes e das estratégias usadas na construção lexical das palavras do português –, tão relevantes como os “acertos”, são os “desvios” atestados nas suas produções escritas.

O conceito de *desvio* é um conceito muito evasivo quando se trata de analisar a morfologia derivacional de uma LNM, sendo difícil estabelecer fronteiras rígidas entre o que é aceitável ou não. Entre o “correto” e o “errado” há um *continuum* de constructos lexicais que ora se aproximam mais de um ora mais do outro polo da escala de correção linguística.

A construção de palavras em português envolve um conjunto muito diversificado de conhecimentos, nomeadamente o conhecimento dos paradigmas de formação de palavras, dos esquemas formativos instanciados e das suas condições de ativação. Para além deste conjunto de conhecimentos, que determina o que (não) é possível construir de acordo com a gramática das palavras do português, o aprendente precisa ainda de conhecer um conjunto de convenções idiomáticas, que estabelecem ‘o que é esperável’ pela comunidade linguística num determinado contexto. Como nota Leiria (2006: 3),

O desafio para o falante não é ser original (essa possibilidade fica reservada aos escritores de alguns poucos géneros literários), mas sim conformar-se o mais possível com o que é esperável numa dada situação. [...]

E é também essa mesma falta de liberdade que pode levar o professor a devolver a um dos seus alunos um texto escrito sem marcas de correcção, mas acompanhado de outro, redigido pelo professor, e precedido da seguinte observação: «A sua composição não tem erros mas eu diria assim: ...»

Existe, pois, uma zona de desvio que podemos perceber na produção de um falante não nativo mesmo quando os mecanismos envolvidos na construção das palavras são respeitados. Neste estudo, tomar-se-á o termo *desvio* na aceção que Lennon (1991: 182) dá ao termo “error”, ou seja, «a linguistic form [...] which, in the same context [...] would in all likelihood not be produced by the learner’s native speaker counterparts.» Esta aceção lata de *desvio* chama a atenção para a necessidade de se ir mais além do mero critério da boa ou má formação de uma palavra, acolhendo não apenas palavras que exibem divergências formais e/ou semânticas em relação às palavras do português, mas também palavras morfológicamente bem construídas, mas não institucionalizadas, cujo uso causa alguma estranheza pelo facto de trair as expectativas do interlocutor nativo.<sup>9</sup>

No domínio da morfologia derivacional, foram referenciados 37 desvios, o que corresponde a apenas 0,004% do total de palavras do *corpus* recenseado e a 0,048% das PMCs atestadas.

Quadro 9 – Número total de desvios relativos à morfologia derivacional por nível de proficiência

A1	A2	B1	B2	C1
2	15	7	3	10

Tal como em Leiria (2006), não foi recenseado nenhum desvio resultante da transferência de unidades lexicais ou morfológicas do chinês. A língua-fonte (LF) dos desvios encontrados não é, pois, a LM, como muitas vezes acontece na aquisição de L2, mas o inglês, uma LNM previamente adquirida pelos aprendentes. São fruto da influência do inglês, os empréstimos *surf* (A2) por ‘navegar’ na internet e *room-mate* (C1), em vez de ‘colega de quarto’.

<sup>9</sup> Para uma análise mais aprofundada deste conceito, veja-se James (1998).

A maioria dos desvios atestados diz respeito à codificação grafemática (e.g. *fricorífigo*, *sinificar*, *rapitamente*, *bibilteca*, *expliênciã*). Alguns destes erros ortográficos estão provavelmente relacionados com dificuldades características destes aprendentes nos planos fonológico e/ou prosódico; outros, porém, relevam – ou podem ser equacionados como tal – da interação entre o conhecimento adquirido da LA e o conhecimento linguístico prévio, particularmente o relativo à língua inglesa (e.g. *localisação* (A2) ~ ing. *localisation*; *oportunidade* (A2) ~ ing. *opportunity*). Encontrámos ainda três desvios referentes à configuração do tema da palavra, sendo os lexemas em causa inseridos em classes temáticas diferentes das convencionalizadas em português (*never* (A2) por <nevar>; *amizada* (B1) por <amizade>; *autocarra* (B1) por <autocarro>). Refira-se, no entanto, que nem sempre é fácil determinar se o carácter desviante de uma determinada ocorrência resulta de dificuldades no processamento morfológico ou decorre simplesmente de um conhecimento pouco sólido da ortografia do português.

No domínio afixal, os desvios decorrem sobretudo do uso de esquemas de construção diferentes dos convencionalizados em português, afetando cerca da 0,03% das PMCs produzidas. Em muitos casos, isso traduz-se na construção de palavras com um número de constituintes afixais superior ou inferior ao que está convencionalizado. Por exemplo, encontram-se ocorrências de palavras sufixadas em vez de palavras simples (e.g. *conversicar* (A2) por <conversar>; *reservação* (A2) por <reserva>; *alimentações* (B1) por <alimentos>). Noutros itens, verifica-se o uso de uma palavra simples em vez da palavra complexa institucionalizada em português (e.g. *relaxo* (A2) por <relaxante>; *canto* (A2) por <cantor>). Existem ainda casos em que o aprendente prescinde do uso dos elementos prefixais que caracterizam essas palavras em português (e.g. *proximação* (B1) por <aproximação>; *brocharam* (C1) por <desabrocharam>).

Alguns dos desvios recenseados resultam da seleção de esquemas afixais diferentes dos usados em português na combinatoria com determinadas bases (e.g. *enterremento* (B1) por <aterro>; *aluminam* (C1) por <iluminam>; *discriminalidade* (B2) por <discriminação>), revelando um deficiente conhecimento ou dificuldades no acesso às palavras complexas institucionalizadas na LA. Regista-se também um caso de confusão entre *-mento* e *-mente* (*raramento* (C1) por <raramente>), sufixos muito próximos do ponto de vista fonológico e gráfico.

De referir ainda que um aprendente de nível C1 usa a palavra *fotão*, não dicionarizada<sup>10</sup>, construída a partir da base lexical *foto* e do sufixo *-ão* de valor aumentativo, para designar “foto muito boa”.

Em suma, excluídos os desvios de natureza ortográfica, flexional e de atribuição de género, os desvios atestados na construção de palavras revelam a ativação de conhecimentos morfolexicais da LF e da LA em graus variáveis, distribuindo-se pelas seguintes categorias:

Quadro 10 – Desvios atinentes à formação de palavras

<b>Construções interlinguísticas</b>	inspectando, localização, magnificante, montanosas, oportunidade, reservação, transportação
<b>Criações morfolexicais</b>	alimentações, aluminam, brocharam, canto, comprados, conversiçar, discriminalidade, enterremento, fotão, aproximação, relaxo, raramento

Nas construções interlinguísticas é visível ou equacionável a influência, ainda que parcial, do conhecimento da LF, o inglês. Nalguns casos, essa influência manifesta-se apenas ao nível da representação gráfica (*localização* (A2) ~ ing. *localisation*; *oportunidade* (A2) ~ ing. *opportunity*; *montanosas* (C1) ~ ing. *mountainous*); noutros casos, nota-se uma convergência com os esquemas construcionais usados no inglês, nomeadamente em *reservação* (A2) (~ ing. *reservation*), *transportação* (B2) (~ ing. *transportation*) e *magnificante* (C1) (~ ing. *magnificent*). Em ambas as situações, em vez da imposição total da forma fonológica do item da LF, como acontece em *surf* e em *room-mate*, a palavra sofre um processo de adaptação ou acomodação, em que a forma fonológica da LF é adaptada, em graus variáveis, às propriedades da LA, o que geralmente se reflete na adoção de afixos formalmente coincidentes com a LA (cf. *-ção*, *-idade*, *-nte*, *-os(o/a)*). No caso de *inspectando*, verifica-se a acomodação do verbo inglês *to inspect* à morfologia verbal do português, o que se traduz na adjunção da vogal temática *-a-*, que inscreve este verbo no paradigma dos verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação.

<sup>10</sup> Existe uma palavra formalmente idêntica, mas com um significado totalmente distinto: na teoria dos quanta (Física Nuclear), *fotão* designa uma partícula elementar de energia luminosa.

Por sua vez, nas criações morfolexicais, o aprendente, sem influência aparente da LF, produz palavras com configurações morfolexicais (e.g. *aluminam*, *conversisar*, *discriminalidade*) ou com pareamentos de forma-função (e.g. *canto*, *comprados*) diferentes dos convencionalizados atualmente em português.

#### 5.4. Discussão dos resultados

Os textos analisados permitiram-nos entrar em contacto, ainda que de forma indireta, com a “gramática emergente” (Hopper 1987, 1998) dos aprendentes chineses num determinado momento da sua aquisição do PLN, focada especificamente numa das suas componentes, a gramática derivacional.

O primeiro dado que ressalta da análise efetuada é o diminuto número de desvios lexicais atestados (0,005% das ocorrências; 0,048% se tomarmos em consideração apenas as PMCs atestadas), não obstante o chinês e o português serem idiomas tipologicamente muito diferentes. A hipótese levantada por Leiria (2006: 272) para explicar este facto é a de que os aprendentes chineses transferem para a aprendizagem do português muitas das estratégias e das competências gerais adquiridas aquando da aquisição da sua LM, nomeadamente uma memória visual e uma capacidade de memorização apuradíssimas.

Para suprirem as falhas no seu léxico, os aprendentes chineses usam várias estratégias, algumas delas coincidentes com as dos falantes nativos, a saber: (i) o recurso a empréstimos de outra língua, neste caso o inglês, uma LNM adquirida antes da LA; (ii) a relexificação de palavras da LF da qual resultam construções interlinguísticas, nas quais se manifesta a confluência de informação morfológica de duas línguas diferentes, o inglês (LF) e o português (LA); (iii) a criação de novas palavras a partir dos recursos morfolexicais e dos esquemas construcionais usados em português.

Nas produções escritas dos informantes, o recurso a empréstimos é pouco significativo. Foram recenseados apenas dois empréstimos diretos da língua inglesa (*surf* e *room-mate*). Uma parte dos desvios encontrados consiste em construções interlinguísticas, ou seja, lexemas construídos a partir da imposição de itens da LF (sistematicamente o inglês) e da sua adaptação à morfologia e fonologia do português. Essa adaptação passa geralmente pela instanciação de afixos derivacionais com uma forma fonológica coincidente com a LA ou, na ausência destes, de um dos constituintes temáticos previstos na formatação morfológica das palavras em português. Pertencem a esta categoria as seguintes ocorrências: *localização* (A2) ~ ing. *localisation*; *oportunidade* (A2) ~ ing. *opportunity*; *inspetar* (B1 - *inspetando*) ~ ing. *to inspect*;

*montanosas* (C1) ~ ing. *mountainous*). A forma gráfica das bases deixa transparecer a influência (negativa) da língua-fonte, mas não se exclui a possibilidade de em alguns casos o desvio resultar de um conhecimento pouco sólido da ortografia do português.

Existe um segundo conjunto de palavras desviantes cuja forma da base é coincidente com a LA, mas em que a escolha do sufixo parece ser motivada pela LF (*reservação* (A2) ~ ing. *reservation*, *transportação* (B2) ~ ing. *transportation* e, talvez, *magnificante* (C1) ~ ing. *magnificent*).

Estes dois grupos de desvios são manifestações do que alguns investigadores designam como “tradução de empréstimos” (Haugen 1950; Winford 2005), “tradução equivalente” (Lowie 1998), “replicação” (Weinreich 1953), “relexificação” (Muysken 1981; Leiria 2006) ou “empréstimo de padrões” (Sakel 2007; Gardani 2018), implicando um complexo sistema de correspondências entre os esquemas de construção de palavras da LA e da LF. Em muitos casos, os aprendentes limitam-se, provavelmente, a transpor para a interlíngua uma palavra da LF, acompanhada da adaptação morfológica à estrutura do português, consubstanciada geralmente na substituição do afixo da LF pelo afixo análogo na LA (e.g. *-(a)tion* ↔ *-ção*; *-ity* ↔ *-idade*). Ainda assim, estes exemplos mostram que o aprendente chinês não apenas é capaz de analisar morfológicamente as palavras, como desenvolveu a capacidade de estabelecer correspondências entre constituintes morfológicos das duas línguas.

Muitas vezes o aprendente baseia a sua produção lexical no pressuposto (errado) de que as palavras do inglês e do português apresentam esquemas construcionais similares. Não obstante existirem muitas formações cognatas (e.g. *formação* ~ ing. *formation*; *motivação* ~ ing. *motivation*; *intuição* ~ ing. *intuition*), não se pode deduzir que a correspondência é total e sistemática (cf. Rio-Torto 2011). Por vezes, estas línguas diferem quanto aos padrões construcionais instanciados, seja porque usam esquemas afixais diferentes (ing. *expectation* vs. port. *expectativa*), seja porque uma das línguas, mas não a outra, opta por um esquema não afixal (ing. *reservation*, *transportation* vs. port. *reserva*, *transporte*). Confirma-se, assim, a ideia defendida por Haspelmath (2020: 348) de que «Different languages often use different structures or different building blocks to render equivalent ideas».

Outra estratégia atestada no *corpus* analisado é a criação de novas palavras a partir dos esquemas construcionais e recursos morfolexicais disponíveis em português. Alguns dos desvios atestados resultam do uso de esquemas afixais divergentes dos utilizados nas formas institucionalizadas em português (e.g. *enterremento* (B1) por <aterro>;

*proximação* (B1) por <aproximação>; *discriminalidade* (B2) por <discriminação>; *brocharam* (C1) por <desabrocharam>). Noutros casos, os aprendentes usam esquemas afixais quando o português recorre a padrões não afixais (e.g. *comprados* (A1) por <compras>; *alimentações* (B1) por <alimentos>; *habitação* (B1) por <hábito>), ou vice-versa (e.g. *canto* (A2) por <cantor>; *relaxo* (A2) por <relaxante>). Atesta-se ainda um caso em que o aprendente, perante uma necessidade designativa, faz uso de um esquema produtivo de formação de palavras: para designar ‘foto muito boa’, um aprendente de nível C1 usa a palavra *fotão* (*fot(o)* + *-ão*).

Após uma suficiente exposição ao léxico do português, os aprendentes começam a reproduzir alguns esquemas construcionais instanciados nesse acervo lexical. Por exemplo, tanto a construção de *fotão*, uma palavra possível, mas não dicionarizada com o sentido pretendido, como a construção de formas inesperadas, do tipo de *inspectando* ou *enterramento*, revelam que os aprendentes já interiorizaram alguns esquemas de construção de palavras, ou seja, deixam transparecer algum grau de conhecimento da morfologia derivacional do português. Falta, todavia, a estes aprendentes um conhecimento aprofundado da componente convencional da língua, ou seja, o conhecimento das unidades lexicais que a comunidade linguística elege, entre as várias possibilidades estruturais, para usar efetivamente. Por isso, alguns dos lexemas criados pelos aprendentes chineses, ainda que estruturalmente possíveis, não apresentam uma forma coincidente com as formas institucionalizadas em português.

Com efeito, uma das grandes dificuldades colocadas aos aprendentes de PLNM advém do facto de a formação de palavras em português ter subjacente uma singular organização paradigmática, em cujo seio se instituem relações forma-função de um-para-muitos e de muitos-para-um. Não só um constituinte afixal pode estabelecer diferentes relações de forma-função – por exemplo, o sufixo *-ão* pode ser usado não apenas na formação de avaliativos (*carrão*, *bonitão*), como também na construção de nomes locativos (*vidrão*, *pilhão*), nomes deverbais eventivos (*empurrão*, *puxão*) ou agentivos (*mijão*, *comilão*) (Rio-Torto 1998) – como, no âmbito de um determinado paradigma de formação de palavras, podem ser ativados diversos processos e constituintes afixais. Por exemplo, para a formação de nomes de evento deverbais, o português dispõe de um conjunto de esquemas construcionais que podem ou não implicar o uso de sufixos. A ativação de um ou outro esquema decorre, muitas vezes, da presença de determinadas condições estruturais, nomeadamente determinadas propriedades fonológicas, morfossintáticas ou semânticas das bases (Rodrigues 2016). Por exemplo, o sufixo *-mento*

não se pode juntar a bases verbais sufixadas com *-ific-* ou *-iz-*; por sua vez, o sufixo *-ção* não se junta a bases verbais sufixadas com *-ec-*. Assim, dizemos *purificação* e *hospitalização*, mas não *\*purificamento* e *\*hospitalizamento*; dizemos *emagrecimento* e não *\*emagrecição*. Outras vezes, a seleção de um determinado esquema construcional estará relacionada com a necessidade de exprimir um valor semântico-pragmático diferente – por exemplo, a partir do tema do verbo *falar* formam-se diferentes nomes eventivos, nomeadamente *falação*, *faladura*, *falatório*, *fala*, com significados não inteiramente coincidentes. A seleção dos esquemas construcionais pode ainda decorrer de preferências de um determinado falante ou de uma comunidade específica de falantes. São exemplo disso as divergências entre o Português Europeu e o Português do Brasil no que à forma dos adjetivos gentílicos ou pátrios diz respeito. As palavras *canadiano*, *polaco* e *israelita* usadas na variante europeia são preteridas em favor de *canadense*, *polonês* e *israelense* na variante americana do português. Ou seja, falar uma língua implica conhecer não apenas um conjunto de unidades e esquemas de construção, mas também um conjunto específico de convenções linguísticas. Os dados levam-nos a pensar que, no que à construção de palavras diz respeito, grande parte desse conhecimento só será (se for) atingido em fases mais avançadas da aquisição linguística.

Por fim, os dados parecem indicar que, ao nível do processamento, as unidades morfológicas da LF e da LA concorrem entre si. Isso leva a que, na interlíngua, ocorram unidades lexicais com diferentes proveniências e configurações: unidades coincidentes com a LA, unidades coincidentes com a LF (empréstimos) e conglomerados de constituintes da LA e da LF (construções interlinguísticas).

Importa ainda referir que a quase totalidade dos desvios apurados corresponde a ocorrências únicas pelo que não é possível aferir se se trata de desvios sistemáticos ou de lapsos ocasionais, comuns também entre os falantes nativos.

## 6. Conclusão

Neste artigo fizemos o inventário e quantificação dos padrões de construção de palavras usados por aprendentes chineses de português nas suas produções escritas. Não sendo possível rastrear e aceder ao *input* recebido, o estudo realizado fornece informação sobre os dados que os aprendentes interiorizaram e usaram em alguns contextos específicos.

Verificámos que, desde os níveis iniciais, estes aprendentes fazem uso não apenas de palavras derivadas, mas também de palavras formadas por composição. Não sendo estes

processos lexicogenéticos estranhos à língua chinesa, procurámos investigar até que ponto as produções escritas dos aprendentes apresentariam evidências de transferência da LM. Em linha com o que já tinha sido observado por Leiria (2006), os dados revelam que a língua-fonte dos desvios lexicais produzidos por este conjunto de aprendentes não é a sua LM, mas o inglês, uma LNM adquirida pelos sujeitos antes da língua-alvo, o português.

Entre os desvios atestados, e excluídos os erros relativos à ortografia, flexão e à atribuição de género, encontram-se empréstimos, construções interlinguísticas, para as quais tanto a LA como a LF contribuem com esquemas construcionais e/ou material morfolexical, e criações morfolexicais, formadas exclusivamente com recurso a material morfolexical do português. O conhecimento pouco profundo da morfologia do português, sobretudo da morfologia derivacional, leva os aprendentes chineses, em vários casos, a transpor para o português esquemas de construção de palavras do inglês que eles supõem ter idêntica aplicabilidade. Todavia, as línguas naturais são marcadas por algum grau de especificidade e convencionalidade, sendo esse conhecimento só adquirido (quando é) após uma longa e profunda exposição à língua-alvo. Consequentemente, em vários casos, a concatenação entre base e afixo efetuada pelos aprendentes diverge dos esquemas de construção instanciados e institucionalizados na língua portuguesa.

O uso de palavras morfológicamente construídas não implica que elas sejam processadas necessariamente por decomposição ou computação. Efetivamente, quer as palavras derivadas quer as compostas podem ser armazenadas no léxico mental e usadas como um todo não analisado. No entanto, como vimos, o uso de algumas formas não coincidentes com as palavras institucionalizadas em português revela que o aprendente, para além de usar palavras percebidas no *input*, é capaz de gerar palavras com base nos esquemas de construção e nas unidades morfolexicais que ele supõe serem característicos da língua-alvo.

Importa, por fim, referir que é possível que alguns dos resultados apurados decorram diretamente da relação particular observada entre o perfil linguístico do aprendente e a língua-alvo de aprendizagem. Na verdade, a percepção que os aprendentes chineses têm da relação entre o português e a sua LM, por um lado, e entre o português e o inglês, por outro, será um dos fatores que mais decisivamente orienta os seus comportamentos, justificando a maioria das suas opções ao nível da produção (escrita) de palavras morfológicamente construídas. Eventualmente, aprendentes com outras LM e outras experiências linguísticas prévias recorrerão a estratégias não inteiramente coincidentes.

Futuros estudos que comparem, quantitativa e qualitativamente, os desempenhos de aprendentes com distintas LM são, pois, necessários para confirmar esta hipótese.

### Referências

- ALONSO REY, R. (2015) «Compreensão lexical no PLE: transferência vs. interferência no reconhecimento de palavras próximas no caso dos falantes de espanhol». Em *Estudos da AIL em Ciências da Linguagem: língua, linguística, didáctica*, ed. por R. Samartim et al., pp. 185-197. Santiago de Compostela/Coimbra: Associação Internacional de Lusitanistas.
- ARCODIA, G. F. (2011) «A Construction Morphology account of derivation in Mandarin Chinese». *Morphology* 21: 89-130.
- ARCODIA, G. F. (2012) *Lexical derivation in Mandarin Chinese*. Taipei City: Crane Publishing.
- BASCIANO, B., KULA, N. & MELLONI, C. (2011) «Modes of compounding in Bantu, Romance and Chinese». *Rivista di Linguistica* 23(2): 203-249.
- BELL, M. J.; SCHAFER, M. (2016) «Modelling semantic transparency». *Morphology* 26(2): 157-199.
- BOOIJ, G. (2010) *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- BOOIJ, G. (2016) «Construction morphology». Em *The Cambridge Handbook of Morphology*, ed. por A. Hippisley e G. T. Stump, pp. 424-448. Cambridge: Cambridge University Press.
- BYBEE, J. (2008) «Usage-based grammar and second language acquisition». Em *Handbook of Cognitive Linguistics and second language acquisition*, ed. por P. Robinson & N. C. Ellis, pp. 216-236. New York/London: Routledge.
- CONSELHO DA EUROPA (2001) *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Asa.
- CORDER, P. (1967) «The Significance of Learners' Errors». *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching* 5: 161-170.

- DUANMU, S. (2002) «Review of “The morphology of Chinese: A linguistic and cognitive approach”, by Jerome L. Packard. Cambridge University Press, 2000». *Diachronica* 19(1): 190-200.
- GARDANI, F. (2018) «On morphological borrowing». *Language and Linguistics Compass* 12(10): 1-17.
- GASS, S.; SELINKER, L. (1993) *Language Transfer in Language Learning* (revised edition). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- GROSJEAN, F. (2011) «An attempt to isolate, and then differentiate, transfer and interference». *International Journal of Bilingualism* 16(1): 11-21.
- HALL, C. J. (2002) «The automatic cognate form assumption: Evidence for the Parasitic Model of vocabulary development». *International Review of Applied Linguistics* 40: 69-87.
- HASPELMATH, M. (2020) «The structural uniqueness of languages and the value of comparison for language description». *Asian Languages and Linguistics* 1(2): 346-366.
- HAUGEN, E. (1950) «The analysis of linguistic borrowing». *Language* 26(2): 210-231.
- HOPPER, P. J. (1987) «Emergent grammar». *Berkeley Linguistic Society* 13: 139-153.
- HOPPER, P. J. (1998) «Emergent grammar». Em *The new psychology of language. Cognitive and functional approaches to language structure*, ed. por M. Tomaselo, pp. 155-175. Mahwah: Erlbaum Associates.
- HUDSON, R. (2008) «Word grammar, cognitive linguistics, and second language learning and teaching». Em *Handbook of Cognitive Linguistics and second language acquisition*, ed. por P. Robinson & N. C. Ellis, pp. 89-113. New York/London: Routledge.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. (2016) «Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues». *The mental lexicon* 11: 467-493.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. (2019) «Relational morphology in the parallel architecture». Em *The Oxford handbook of morphological theory*, ed. por J. Audring e F. Masini, pp. 390-408. Oxford: Oxford University Press.

- JAMES, C. (1998) *Errors in language learning and use. Exploring error analysis*. London / New York: Longman.
- JARVIS, O. (2000) «Methodological rigor in the study of transfer: identifying L1 influence in the interlanguage lexicon». *Language Learning* 50(2): 245-309.
- JARVIS, O. (2009) «Lexical transfer». Em *The bilingual mental lexicon: interdisciplinary approaches*, ed. por A. Pavlenko, pp. 99-124. Multilingual Matters.
- JESUS, D. M. A. (2010) *Produção e reconhecimento de substantivos abstractos deadjectivais em português L2*. Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado.
- JIANG, N. (2002) «Form-meaning mapping in vocabulary acquisition in a second language». *Studies in Second Language Acquisition* 24(4): 617-637.
- LEIRIA, I. (2006) *Léxico, aquisição e ensino*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- LENNON, P. (1991) «Error: some problems of definition, identification and distinction». *Applied linguistics* 12: 180-196.
- LOWIE, W. (1998) *The acquisition of interlanguage morphology: a study into the role of morphology in the L2 learner's mental lexicon*. University of Groningenmore, PhD Dissertation.
- MARTINS, C. et al. (2019) *Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2): Subcorpus Português Língua Estrangeira*. CELGA-ILTEC. Disponível em <<http://teitok2.iltec.pt/peapl2-ple/index.php?action=home>>. Acesso em: 11, fev., 2021.
- MOTA, M. A. (2020) «Introdução à morfologia». Em *Gramática do português*, org. por E. B. P. Raposo et al., vol. III, pp. 2787-2831. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MUYSKEN, P. (1981) «Halfway between Quechua and Spanish: The case for relexification». Em *Historicity and variation in creole studies*, ed. por A. Highfield e A. Valdman, pp. 52–78. Ann Arbor: Karoma.
- NUNES, S. M. (2012) «Conhecimento lexical e consciência morfológica em alunos chineses de PLE: reconhecimento, interpretação e utilização de elementos prefixais

- do português». *Exedra*, número temático “Português: investigação e ensino”: 243-257.
- ODLIN, T. (2003) «Cross-linguistic influence». Em *The handbook of second language acquisition*, ed. por C. J. Doughty e M. H. Long, pp. 436-486. Malden: Blackwell.
- PACKARD, J. L. (2000) *The morphology of Chinese. A linguistic and cognitive approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PEREIRA, M. I. P. (2016) «Processos de construção não concatenativa». Em *Gramática derivacional do português* (2.<sup>a</sup> ed.), org. por G. Rio-Torto, pp. 521-553. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PEREIRA, R. (2022) «Estudos sobre a aquisição da competência derivacional em português língua não materna». *Portuguese Language Journal* 16: 1-13. DOI: 10.56515/PLJ562476679
- RINGBOM, H. (2007) *Cross-linguistic similarity in foreign language learning*. Multilingual Clevedon/Buffalo/Toronto: Matters.
- RIO-TORTO, G. (1998) *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora.
- RIO-TORTO, G. (2011) «Convergência e divergência morfológica nas línguas românicas e no inglês: os sufixos provenientes de *-tio(nis)*». *Alfa* 55(1): 11-29.
- RIO-TORTO, G. (2014) «Prefixação e composição: fronteiras de um contínuo». *Verba* 41: 103-121.
- RIO-TORTO, G. (2016) «Nomes denominais». Em *Gramática derivacional do português* (2.<sup>a</sup> ed.), org. por G. Rio-Torto, pp. 149-173. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ROBINSON, P.; ELLIS, N. C. (2008) «Conclusion: Cognitive Linguistics, Second Language Acquisition and L2 Instruction – Issues For Research». Em *Handbook of Cognitive Linguistics and second language acquisition*, ed. por P. Robinson & N. C. Ellis, pp. 489-545. New York/London: Routledge.
- RODRIGUES, A. S. (2016) «Noções basilares sobre a morfologia e o léxico». Em *Gramática derivacional do português* (2.<sup>a</sup> ed.), org. por G. Rio-Torto, pp. 35-133. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- SAKEL, J. (2007) «Types of loan: Matter and pattern». Em *Grammatical borrowing in cross-linguistic perspective*, ed. por Y. Matras e J. Sakel, pp. 15–29. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- SELINKER, L. (1972) «Interlanguage». *International Review of Applied Linguistics* 10: 209-231.
- TIEE, H. H.-Y. (1979) «The productive affixes in Mandarin chinese morphology». *Word* 30(3): 245-255.
- VAN COETSEM, F. (1988) *Loan phonology and the two transfer types in language contact*. Dordrecht: Foris.
- VAN COETSEM, F. (2000) *A general and unified theory of the transmission process in language contact*. Heidelberg: Winter
- WEINREICH, U. (1953) *Languages in contact, findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York.
- WINFORD, D. (2005) «Contact-induced changes – classification and processes». *Diachronica* 22: 373-427.
- XINJUAN, W. (2007) «Formação de palavras nas duas línguas e ensino do vocabulário a falantes nativos chineses». Em *Actas do I Encontro académico e ensino curricular de português e de tradução chinês/português*, coord. por L. Changsen e M. F. R. S. Pedro, pp. 100-109. Macau: Instituto Politécnico de Macau.